



REVISÃO SISTEMÁTICA DAS PESQUISAS SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NAS PUBLICAÇÕES DO ENDIPE (2010-2020)

Sara Livia dos Santos Sousa ¹
Profa. Dra. Maria das Graças Oliveira ²

INTRODUÇÃO

A educação infantil tem se consolidado, progressivamente, como um importante espaço de efetivação de direitos e de disponibilização de educação de qualidade às crianças brasileiras. Baseando-se nos eixos brincadeiras e interações, a primeira etapa da educação básica tem o intuito de proporcionar a ampliação das aprendizagens, dos conhecimentos e do desenvolvimento de habilidades socialmente construídos pelos sujeitos de zero a seis anos, através da promoção de experiências significativas e prazerosas. Diante disso, a qualidade das práticas pedagógicas realizadas nesses espaços é essencial para o desenvolvimento infantil, pois podem intermediar as condições demandadas pelas necessidades dos bebês e das crianças ou não. Vale salientar que as escolhas e as ações de cada sujeito educador dependem das concepções que ele tem sobre criança, infância, educação e dos valores/princípios que prioriza em sua profissão de acordo com sua constituição pessoal e com sua formação profissional. No entanto, é interessante considerar o processo de reflexão da relação dessas concepções com a atuação na creche constituinte da ação docente, pois essa configura-se uma possibilidade de explicitar possíveis contradições e imprecisões na ação.

Nessa perspectiva, elencamos alguns aspectos que acreditamos serem fulcrais à educação na creche, especificamente, do bebê. Almejando uma educação emancipatória e respeitosa, destacamos importante a participação do bebê na elaboração de suas

¹ Graduanda no Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrante do Grupo de estudos e pesquisas infâncias, educação infantil e contextos plurais (GRÃO) e do Programa de Educação Tutorial (PET Pedagogia/UFCG) - UFCG, sara_livia_sousa@hotmail.com;

² Professora orientadora Doutora na Unidade Acadêmica de Educação (UAEd) e integrante do Grupo de estudos e pesquisas infâncias, educação infantil e contextos plurais (GRÃO) - UFCG, mariaeduc2013@gmail.com.



experiências, ou seja, sua observação atenta pela docente para projetar intervenções significativas, o conhecimento das especificidades linguísticas deste sujeito, a significação de seus enunciados, o atendimento de suas preferências e demandas emocionais e corporais e o entendimento da didática enquanto flexível e processual. Além disso, sua ação autônoma e segura, logo, condições espaciais e materiais adequadas. Ademais, apontamos a atenção e o carinho direcionados ao bebê pelo profissional ao realizar sua função, articulando educação e cuidado com a convicção de que está se relacionando com um sujeito social de direitos, capacidade e subjetividade. Em suma, defendemos que o planejamento de uma boa educação do bebê está profundamente relacionado com o reconhecimento dele enquanto sujeito digno, com sua participação ativa e com as condições materiais e estruturais lhe disponibilizadas.

Diante dessas preocupações, a pesquisa de metodologia bibliográfica foi desenvolvida a partir de sete portais de publicações acadêmicas e tem argumentado sobre a importância da educação não-espontaneísta e lúdica aos bebês e corroborado com o preenchimento de uma lacuna encontrada no constructo temático. Este resumo expandido trata-se de um recorte dessa e analisa os resultados adquiridos através do portal do ENDIPE. Para isso, está organizado em tópicos de fundamentação teórica, metodologia, resultados e considerações finais.

AS ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO DO BEBÊ

A educação pode ser compreendida a partir de diferentes vieses. Pode ser socialização, acomodação, preparação, emancipação ou/e humanização, dependendo das decisões, das finalidades e dos valores das diferentes sociedades, instituições e professores. De acordo com Tardif (2010), a formação do profissional docente lhe possibilita saberes experienciais, disciplinares, curriculares e de formação profissional. Sendo assim, o ensino depende de diferentes influências e conceitos provenientes de distintas experiências e lugares sociais, a exemplo, a concepção desse aprendiz. Tratando-se, especificamente, da educação do bebê, esclarecemos, então, que concordamos com sua concepção enquanto competente e ativo.

Entender a criança sob este prisma é importante porque nos permite estabelecer, com ela, uma relação de respeito, de consideração de suas capacidades em detrimento da percepção do que lhe está sendo construído e lhe incluir efetivamente em sua



educação. Corroborando com esses ideais, Malaguzzi (apud FARIAS, 2007) defende que a educação não é neutra e que há um descaso com a infância a ser superado. A criança é um sujeito social de direitos, sendo a educação um desses. Reconhecendo-a como “ativa, inventiva, envolvida, capaz de explorar, curiosa, aceitando o desafio de exprimir-se nas mais diferentes linguagens com as mais diferentes intensidades (p. 281)”, o educador ratifica suas capacidades e demanda seu lugar de centralidade em sua humanização. Faz-se impossível, assim, o planejamento de sua educação sem a compreensão de suas necessidades, suas preferências e zonas de desenvolvimento proximal, ou seja, sem seu conhecimento. Objetivar uma educação emancipatória, democrática e dignificante, a que advogamos, pressupõe interrelações respeitadas e a participação ativa do indivíduo cognoscente em sua estruturação.

Nessa perspectiva, encontramos como principais especificidades da educação com bebês a sua forma de participação, de comunicação e de estabelecimento de relações com seu entorno social, cultural e material. Para Buss-Simão (2019) o público-alvo da primeira etapa da educação brasileira, principalmente em seu primeiro ano de vida, demanda muito mais do corpo e do emocional de sua educadora que os demais subsequentes. Cabe a essa a significação de seus enunciados e a inclusão desses em sua prática para que suas propostas sejam significantes e democráticas.

Concomitantemente, entender o bebê como capaz nos permite lhe assegurar a vivência pessoal de suas experiências, isto é, compreender o mundo, suas possibilidades e seus limites com suas próprias mãos, sustentado na confiança e na segurança transmitidas pelo professor. De acordo com Falk (2011) a intervenção do adulto não apenas limita sua independência, mas aumenta sua dependência e insegurança. Não é necessário lhe ensinar tudo, pois ele aprende mais ao descobrir-se autonomamente.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM BEBÊS NA CRECHE BRASILEIRA

A intitucionalização da humanização intensional da infância de maneira pública, gratuita e de qualidade através das creches brasileiras é uma conquista histórica. Perdendo a reputação de “mal necessário”, passa a receber, progressivamente, caráter político e pedagógico e a compor legalmente a primeira etapa da educação formal do país. Ser acolhido em uma creche pública competente é um direito de todo bebê e criança brasileira até os 6 (seis) anos de idade.



Sendo assim, a partir da liberdade de movimentos e de escolhas, a criança pode se auto-desenvolver nesses espaços, acreditando em suas competências. Entretanto, a autonomia não inviabiliza a intervenção pedagógica e o cuidado. Não é abandono. Pelo contrário, para agir desse modo, o bebê precisa de espaço e materiais adequados e atraentes e da observação atenta de sua educadora. A principal função da docente é, então, organizar espaços, momentos e materiais significativos para a ação do educando, dentro dos limites de sua função e condições (BARBOSA, 2001), para que o educando viva suas experiências e aprenda com elas. Para isso, pode beneficiar-se da documentação pedagógica, da filmagem e de outros instrumentos.

Interessante observar, ainda, que a experiência, por sua natureza subjetiva e singular, não pode ser construída pelo professor, mas facilitada. O paradigma de experiência reforça, então, o ideário de criança ativa e centralizadora de sua educação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Com o intuito de responder à questão levantada, estamos realizando uma pesquisa metodologicamente bibliográfica (GIL, 2002) e inspirada na abordagem qualitativa (MINAYO, 1994). O estado do conhecimento sobre as práticas pedagógicas para o berçário, baseando-se no constructo de conhecimento já elaborado pela comunidade acadêmica sobre a temática e concordando com Gil (2002), tem envolvido as etapas de escolha temática, buscas sistemáticas em portais, leituras, análises e escrita.

Nos portais do ENDIPE adotamos o protocolo conforme a organização do evento, que é bianual, analisando todos os trabalhos publicados nos anos de 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018. Importante esclarecer que o ano de 2020 não foi incluído porque nossas buscas ocorreram antes de sua ocorrência e que os trabalhos dos anos de 2014 e 2016 estavam inacessíveis no período de investigação. Após a seleção dos materiais nos portais, estamos realizando leituras mais concentradas em nossas categorias de análise e apontando, de acordo com os portais, nossas conclusões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 95 produções selecionadas pela leitura dos resumos nos diferentes portais, 13 foram do ENDIPE. Com a leitura posterior completa dos trabalhos descartamos



produções com crianças de faixa etária superior ao nosso enfoque de estudo e observamos a presença de 4 painéis (arquivos com, cada um, três trabalhos). Ficamos com 17 materiais para análise. Organizamos esses nas categorias: currículo (2), didática (3), trabalho/prática docente (7), formação profissional (3) e temáticas específicas (2 – uma sobre educação física, outra, avaliação).

Diante disso, constatamos, inicialmente, que há uma dificuldade no acesso às publicações do evento. Além disso, corroborando, inclusive, com os materiais analisados há pouca abordagem da Educação Infantil no evento, o que nos permite inferir um descompasso entre a didática e a etapa educativa. A exemplo disso, não temos, na maioria dos eventos, um eixo temático centralizando a Educação Infantil. Para mais, dentro o espaço da EI, o restrito ao bebê e as práticas pedagógicas em sua educação é muito menor. Há, ainda, uma generalização da EI em detrimento das especificidades e das diferentes necessidades dos sujeitos da creche e da pré-escola. Os trabalhos mostram uma despreocupação dos pesquisadores com a explicitação da informação sobre a qual turma a pesquisa se refere. Abordam genericamente a partir de termos como “professora da EI”, “didática para EI” ou “alunos da EI”. Será que o trabalho educativo da professora do berçário e das demais turmas subsequentes é o mesmo? Será que não existe a necessidade dessa explicitação nas pesquisas? Pensamos que a educação do bebê possui como principais diferenciais a necessidade de maior atenção e da significação de sua linguagem pela professora e sua intensa demanda corporal e emocional (BUSS-SIMÃO, 2018).

Ressaltamos ainda que um dos trabalhos analisados realizou um estudo bibliográfico semelhante ao nosso, também no ENDIPE, entre os anos de 1982 e 2016 e, corroborando nossos resultados, nos convoca a pensar os motivos dessa lacuna e a agir em direção a seu preenchimento. “[...] que razões justificam a invisibilidade da educação dos bebês no maior evento sobre práticas de ensino do país?” (SILVA e NEVES, 2018, p. 2) é uma questão a se pensar e solucionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressaltamos a relevância dos trabalhos encontrados, já que são o percentual que aborda a temática e que busca abrir caminhos para a discussão das práticas pedagógicas com bebês e para o espaço do bebê na didática. No entanto, muito



tem-se a caminhar. Parece-nos que a didática ainda está se desenvolvendo e aprendendo sobre sua configuração e as práticas pedagógicas com bebês.

Além disso, defendemos que realizar esse movimento legitima os bebês como sujeitos ativos, de direitos e reconhece suas especificidades no processo educativo, o que torna a discussão imprescindível. Salientamos que, em relação ao contingente de trabalhos e portais analisados, há muito pouco pesquisado sobre bebê e ainda menos sobre a prática pedagógica com ele, o que permite-nos inferir que nossa pesquisa está a favor da produção científica sobre a área e do preenchimento de uma lacuna importante encontrada.

Palavras-chave: Bebês. Práticas Pedagógicas. Trabalho Docente. Creche Brasileira.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. *Educação Infantil – Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Docência com bebês: o corpo da professora que acalma, acalenta e serena. In: Reunião Nacional da ANPEd, 39, 2019, Niterói, RJ. Anais... Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019, p. 1 – 8.

FALK, J. (Org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. 2 ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2011.

FARIAS, Ana Lúcia Goulart de. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: OLIVEIRA- FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezato (Orgs.). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. ed 4. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Qual o lugar para a educação dos bebês no ENDIPE? In: *Por uma Pedagogia da Educação Infantil que comece com os bebês (Painel)*. ENDIPE, 19, 2018, Salvador, BA. Anais... Salvador: UFBA, 2018, p. 2 – 15.

TARDIF, Maurice. *Saberes docente e formação profissional*. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.